

“TRANSFORMAI-VOS PELA RENOVAÇÃO DA VOSSA MENTE”: INTEGRAÇÃO ENTRE BÍBLIA E PSICOLOGIA EM ROMANOS¹

✉ Mérlinton Pastor de Oliveira²

Resumo: Religião e ciência, e particularmente religião e psicologia, podem desenvolver uma relação integradora, visto que ambos os domínios de conhecimento abordam temas frequentemente comuns. Este artigo apresenta um breve estudo sobre a temática da mente, expondo conceitos, ideias e compreensões extraídos tanto dos conteúdos da psicologia como dos conteúdos bíblicos, em particular daquele conteúdo que é apresentado por Aaron Beck na perspectiva da psicologia, e, daquele conteúdo que é apresentado por Paulo na carta aos romanos, na perspectiva bíblica. Assim, o propósito deste artigo é discorrer sobre este tema comum, a mente, enfatizando a importância que a bíblia e a psicologia apresentam no sentido de que o desenvolvimento de um estilo saudável de pensamentos promove bem estar e adequadas atitudes nas práticas do viver. O resultado deste estudo indica uma real possibilidade de integração entre os conhecimentos da religião e os conhecimentos da psicologia, bem como a possibilidade de se fortalecer as relações entre dois domínios que atuam visando uma mesma intenção, o bem estar do ser humano.

Palavras-chave: Religião; psicologia; mente; comportamento.

Abstract: Religion and science, and particularly religion and psychology, can develop an integrating relationship, as both domains of knowledge address frequently common themes. This article presents a brief study on the theme of the mind, exposing concepts, ideas and understandings extracted from both the content of psychology and biblical content, in particular that content that is presented by Aaron Beck from the perspective of psychology, and that content that is presented by Paul in the letter to the Romans, from a biblical perspective. Thus, the purpose of this article is to discuss this common theme, the mind, emphasizing the importance that the Bible and psychology have in the sense that the development of a healthy style of thinking promotes well-being and appropriate attitudes in the practices of living. The result of this study indicates a real possibility of integration between the knowledge of religion and the

1 Palestra apresentada no XII simpósio bíblico/teológico sudamericano: El justo por la fé vivirá, Universidad Adventista Del Plata (UAP): Libertador San Martin (Entre Rios) – Argentina, 27 de abril a 01 de maio.

1. Doutorado em Psicologia (em curso): Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales – UCES, Buenos Aires, Argentina. Mestrado em Psicologia: Pontifícia Universidade Católica – PUC, São Paulo 2010. Mestrado em Teologia (IntraCorpus): Seminário Adventista Latino Americano de Teologia – SALT/ Instituto Adventista de Ensino do Nordeste – IAENE, Cachoeira-BA, 2005. Psicologia: Universidade Salvador – UNIFACS, Salvador-BA, 2006. Teologia: Seminário Adventista Latino Americano de Teologia – SALT/Educandário Nordestino Adventista – ENA, Belém de Maria-PE, 1986. E-mail: merlinton.pastor@adventista.edu.br

* Autor correspondente: merlinton.pastor@adventista.edu.br

Submissão: 05/08/2021

Aceite: 27/11/2021

Como citar

OLIVEIRA, M. P. “Transformai-vos pela renovação da vossa mente”: Integração entre Bíblia e psicologia em Romanos. *Praxis Teológica*, v. 18, n. 1, p. e1559, 2022 DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2022v18n1.e1559>



knowledge of psychology, as well as the possibility of strengthening the relationships between two domains that work towards the same intention, the well-being of the human being.

Keywords: Religion; psychology; mind; behavior.

Historicamente, a relação entre religião e psicologia tem sido marcada por frequentes situações de distanciamento, entretanto, também é possível perceber que tanto psicólogos como religiosos encontram pontos de aproximação que permitem à religião e à psicologia terem iniciativas no sentido de pesquisar e incorporar, às suas práticas, conhecimentos pertencentes a uma ou à outra.

Em Romanos 12:2 é possível encontrar um tema que promove uma aproximação entre a bíblia e a psicologia: a mente. Quando inicia a seção na qual Paulo dará orientações aos seus leitores sobre como praticar a doutrina da justificação pela fé, ele começa dizendo que é necessário que se faça uma transformação no viver a partir da “renovação da vossa mente”, ou seja, Paulo indica que a vida transformada para a experiência da fé necessita sobretudo de um processo de renovação da mente.

A mente também tem sido tema de interesse da psicologia ao longo do tempo, e mais recentemente o psicoterapeuta americano Aaron Beck desenvolveu uma compreensão significativa sobre a maneira como a mente influencia o jeito de ser e viver de uma pessoa. Ele esclarece que se a mente trabalha com compreensões distorcidas ou disfuncionais promoverá um modo de viver doentio e desorganizado, em contraste, quando a mente está cuidada, renovada, e sendo fonte de pensamentos adequados, ela promove no indivíduo comportamentos funcionais em seu viver ([BECK et al., 1997, p. 9-11](#)).

Na Psicologia e em toda a Bíblia é possível encontrar a ideia de que “bons padrões de pensamento [...] fornecem um caminho para a integridade” ([MELGOSA, 2011, p. 68](#)), e Romanos 12:2 se torna um ponto de integração entre a Bíblia e a Psicologia quando Paulo orienta seus leitores a viverem a integridade de sua fé renovando sua mente, de modo que o comportamento desejável, que é viver pela fé, possa ser alcançado.

PSICOLOGIA E RELIGIÃO

Tem sido enfatizado que ao longo do tempo as relações entre religião e psicologia são de animosidade e distanciamento, que os ensinamentos bíblicos não encontram respeito por parte dos profissionais da psicologia e que muitos religiosos desprezam os conhecimentos da ciência psicológica. Ademais, muitas vezes a religião é vista pela psicologia como algo “irrelevante e até superficial” ([HENNING; MORÉ, 2009, p. 89](#)), e a psicologia é vista pela religião como “perigosa e contrária à vida religiosa” ([SOUZA, 2015](#)).

Quando se trata de considerar as relações entre esses dois domínios do conhecimento, a tipologia de Barbour ([2004](#)), que distingue quatro maneiras de se conceber as relações entre ciência e religião, se apresenta como uma proposta adequada para também se compreender o que ocorre entre a psicologia e a religião.

Para Barbour ([2004](#)) existem quatro tipos de relações entre a ciência e a religião. O primeiro tipo ele identifica como sendo de conflito; este conflito diz respeito ao materialismo científico e ao literalismo bíblico. Para o materialismo científico o mundo é composto somente de matéria, e não há espaço para uma dimensão espiritual e para Deus. A ciência é considerada a única maneira de se obter todo o conhecimento verdadeiro, diferentemente da religião, que segundo essa visão, não apresenta conhecimentos confiáveis sobre o mundo e o ser humano.

Assim, “se as únicas entidades reais são aquelas de que trata a ciência, então a ciência é o único meio válido de conhecimento”. Por sua vez, o literalismo bíblico apregoa que a Bíblia deve ser entendida literalmente, não sendo necessário nenhum tipo de interpretação de seus escritos e que somente ela oferece o verdadeiro conhecimento acerca do mundo, da humanidade e de Deus. Considera ainda que muitas vezes a ciência é um desafio à fé bíblica. Essas posturas resultam em uma relação de conflito entre ciência e religião (OLIVEIRA, 2010, p. 22).

O segundo tipo de relação existente entre a ciência e a religião, de acordo com Barbour (2004), é a independência, ou seja, ciência e religião são vistas como áreas totalmente separadas. Ele aponta que ciência e religião empregam métodos que se contrastam e linguagens que se diferenciam, e, portanto, estão afastadas uma da outra, isoladas entre si, o que evita que haja conflito entre ambas, mas tampouco possibilita qualquer interação ou diálogo. O autor considera que o método da ciência é objetivo e o da religião é subjetivo, pois a ciência se baseia em fatos e a religião em valores. Para ele, a linguagem científica refere-se à maneira como as coisas são no mundo, e a religiosa descreve a crença e a esperança, logo, são diferentes e estão separadas (OLIVEIRA, 2010, p. 23).

O terceiro tipo de relação proposto por Barbour (2004) é a do diálogo. Nesta relação, ciência e religião reconhecem seus limites, bem como o campo em que cada uma atua, contudo, a ciência busca encontrar na religião informações para a elaboração de respostas a questões que não podem ser respondidas apenas no âmbito do saber, e, a religião busca solidificar a fé com dados apresentados pela ciência acerca do existir humano e do mundo. Assim, ambas envolvem suas comunidades para que trabalhem juntas na busca do saber, usando a razão bem como valores que cada uma pode compartilhar (OLIVEIRA, 2010, p. 23).

Por fim, a integração é o quarto tipo de relação entre ciência e religião, para Barbour (2004). Nessa forma de relação, do ponto de vista da religião há três versões distintas: a teologia natural, a da natureza e a síntese sistemática. A teologia natural se empenha em conhecer a Deus a partir do mundo e das coisas naturais existentes. Busca descobrir algo a respeito de Deus a partir dos elementos naturais. A teologia da natureza, por sua vez, se empenha no conhecimento de Deus a partir dela mesma, contudo, incorporando em seu saber as descobertas da ciência, chegando mesmo a reformular-se à luz dessas descobertas. Já a síntese sistemática é uma combinação, em uma só estrutura, de teologia e ciência, e conceitos de uma área e outra são usados de maneiras similares, tanto em teorias e pesquisas teológicas quanto em teorias e pesquisas científicas (OLIVEIRA, 2010, p. 18 e 24). Nessa perspectiva, uma integração pode ocorrer “quando ambas, ciência e religião, contribuírem para uma visão coerente do mundo” (BARBOUR, 2004, p. 50).

Em uma ou outra situação, esses quatro elementos da tipologia proposta por Barbour podem ser percebidos na relação estabelecida historicamente entre a psicologia e a religião (PAIVA, 2002, p. 564), no entanto, embora marcada por frequentes situações de distanciamento, essa relação tem sido alvo de considerações tanto de muitos psicólogos como de diversos religiosos cristãos, com vistas a uma parceria efetiva e à integração, particularmente na perspectiva da síntese sistemática.

Atualmente, é possível perceber que tanto psicólogos quanto religiosos deixam transparecer iniciativas no sentido de pesquisar e incorporar às suas práticas conhecimentos pertencentes a um ou ao outro domínio, de modo que o conteúdo da psicologia e o conteúdo da Bíblia acabam coincidindo. É fato que tal iniciativa não diz respeito a todo psicólogo nem a todo religioso, contudo, representantes de cada domínio estão se dedicando a essa integração, afinal, “nenhuma ciência está tão próxima da religião quanto a psicologia”, afirma Ribeiro (2004, p. 11), e, por sua vez, White (2012, p. 10) declara que “os verdadeiros princípios da psicologia encontram-se nas escrituras sagradas”.

A MENTE, A FÉ E A VIDA TRANSFORMADA

Um tema comum que permite perceber esta relação de integração é o tema da mente. Ao longo de toda a Bíblia é possível encontrar declarações acerca da mente. Em Jó 38:36, a mente é a sede do entendimento; em Isaías 26:3, aquele que tem sua mente firmada no Senhor desfruta paz; em Lamentações 3:21, a mente é fonte de esperança quando nela estão lembranças saudáveis; em Marcos 6:20, uma boa mente se encanta com os ensinamentos transmitidos por alguém que seja justo; em Romanos 1:28, uma mente com conteúdos reprováveis conduz à prática do pecado; em 1 Coríntios 2:16, ter a "mente de Cristo" produz discernimento das coisas espirituais; em 2 Coríntios 11:19, uma mente sensata promove uma relação de tolerância para com "os insensatos"; em Filipenses 4:8, a mente deve estar alimentada do que é justo, do que é puro, do que é saudável; por fim, em Efésios 4:23 e Romanos 12:2, a mente transformada no Espírito promove transformação no viver.

O tema da mente também é amplamente considerado pela psicologia e sua etimologia deixa isso evidente. A palavra psicologia é formada pelas expressões gregas *psico* (psique: alma, mente) e *logia* (estudo, conhecimento, ciência), que permite o conceito de que psicologia é o estudo da mente ou da alma. Com o passar do tempo esse significado foi se alterando de modo que hoje em dia é "uma tarefa difícil formular um conceito" específico do que seja a psicologia, entretanto, "a maioria dos psicólogos concorda em chamar a psicologia de ciência que estuda o comportamento" (BRAGHIROLI et al., 1998, p. 23), o que inclui não apenas os movimentos visíveis e observáveis, mas também a própria atividade de sentir, perceber e pensar.

O homem é percebido como uma unidade indivisível, e a atividade de pensar é entendida como sendo uma atitude que "tem o propósito de ajustar o indivíduo ao meio", ou seja, a atividade de pensar está intimamente relacionada à atividade de efetuar "ações que produzem efeitos sobre o meio social, meio físico, ou sobre si mesmo" (BRAGHIROLI et al., 1998, p. 24). Assim, pensamentos e ações do viver estão em inter-relação, são componentes distintos em uma unidade indivisível, e, desse modo, as práticas do viver resultam dos pensamentos.

É com essa compreensão que a terapia cognitivo-comportamental (TCC), desenvolvida por Aaron Beck, tem sido uma das formas de terapia mais utilizada na busca de reestruturação da mente e dos pensamentos com vistas a um comportamento desejável (MELGOSA, 2011, p. 68-74). De forma resumida, "o modelo cognitivo propõe que o pensamento distorcido ou disfuncional seja comum a todos os distúrbios" comportamentais, já "a avaliação realista e a modificação no pensamento produzem uma melhora no humor e no comportamento" (BECK; ROSA, 2013, p. 17). Ou seja, "o desenvolvimento de um estilo saudável de pensamento" (WRIGHT et al., 2008, p. 15) promove bem estar e uma atitude adequada nas práticas do viver.

Pensamentos disfuncionais, ou distorções cognitivas, são responsáveis por atitudes e comportamentos desorganizados, incoerentes e por um modo de viver inadequado, visto que eles distorcem a realidade de maneira que aquilo que é ruim pode parecer bom, e aquilo que é bom, ruim. Contudo, tais pensamentos também podem ser reforçados por comportamentos que se repetem, pois mesmo que a ação do viver não seja um comportamento desejado ele pode se tornar repetitivo e frequente, porque, cada vez que tal comportamento ocorre reforça a condição mental para aquela prática; condição essa que estimula novas ocorrências desse viés comportamental. "Por outro lado, se você não tem um determinado pensamento, ou raramente esse pensamento não é seguido e não deriva num determinado comportamento," essa condição mental "definha por falta de uso" (LUCAS, 2013, online).

Ou seja, comportamentos desorganizados e incoerentes e um modo de viver inadequado, podem ser evitados ou podem ser modificados se os pensamentos inadequados "não forem seguidos, e se a mente criar pensamentos que sejam benéficos" (LUCAS, 2013, online). Assim, um modo de

viver desejado e a prática de comportamentos coerentes podem ser estabelecidos e aperfeiçoados se a mente criar pensamentos correspondentes aos valores que se deseja evidenciar no modo de viver. Por tanto, surgindo algum pensamento distorcido ou disfuncional, é indicado que ele seja substituído por pensamentos que estejam de acordo com aqueles valores e objetivos almejados, e que eles, os pensamentos adequados, sejam colocados em ação comportamental ([LEAHY, 2006, p. 18](#)).

Essa é a ideia que pode ser encontrada em Romanos 12:2, quando Paulo instrui seus leitores recomendando “[...] transformai-vos pela renovação da vossa mente”. Em sua exposição doutrinária nos onze capítulos iniciais do livro, Paulo apresenta a pecaminosidade do ser humano e a bendita graça divina, pela qual os pecadores podem ser perdoados e restaurados à perfeição e santidade. Essa restauração é possível mediante a fé em Jesus. Já, a partir do capítulo doze, o apóstolo apresenta a aplicação prática da justificação, evidenciada no modo de ser e viver do pecador que está sendo restaurado ([DORNELES, 2014, p. 509-510](#)).

Todos são pecadores, e todos são carentes da graça divina. “Não há justo, nem um sequer” (Rm 3:10), afirma Paulo ecoando as palavras do salmista (Sl 14:3 e 53:3). A pecaminosidade é uma realidade humana de longo tempo, desde quando, “vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, [...] tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu” (Gn 3:6). É uma condição de transgressão da lei (Rm 2:12), contudo, mais do que isso, é uma atitude de ofensa a Deus (Rm 2:23). É não cumprir uma obrigação, porém, muito mais do que isso, é ser rebelde contra o Doador da lei ([VELOSO, 2011, p. 65](#)). Com efeito, é isso que a humanidade vem praticando desde o momento que Eva e Adão assumiram a atitude de rebelião contra o Criador. Ao transgressão deles significou uma rejeição a Deus; pensaram que haveria algo melhor que a obediência, e pecaram (Rm 3:12-18 e 11).

O resultado é cruel: a morte (Rm 6:23). É um salário, e “salário é o produto da própria ação” ([VELOSO, 2011, p. 65](#)). A prática do pecado inevitavelmente culmina em morte, e “todos” se destinam a esse fim, a não ser aqueles que pela fé aceitam a dádiva divina que justifica e santifica: Cristo Jesus (Rm 6:23). Assim, “justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio do nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:1). A relação com o Criador é restaurada, e a prática de uma vida condizente com a vontade divina é restabelecida e vai se aperfeiçoando com o passar do tempo (Rm 6:11-13; 8:1).

Embora o estilo de viver não seja por si só fator de salvação, afinal, “ninguém é salvo por obras” (Ef 2:9), o “comportamento humano é importante para Deus [... e] é importante para cada indivíduo porque cada ação, decisão e palavra são uma semente que produz frutos no caráter e gera consequências” ([KIS, 2011, p. 748](#)). O pecador justificado opta por assumir um estilo de vida que deixa transparecer em suas ações a restauração da imagem de Deus em seu ser. Bons comportamentos não salvam, mas revelam de que lado a pessoa está, a quem pertence espiritualmente, e podem ser evidências exteriores da transformação que está ocorrendo no interior, afinal, como disse Jesus, “pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7:16 e 20).

Para Paulo, a transformação no exterior deve ser resultado da transformação da mente (Rm 12:2). Assim também teorizam diversas práticas terapêuticas da psicologia. A terapia cognitivo-comportamental, especificamente, afirma que os pensamentos “têm uma influência controladora sobre nossas emoções e comportamentos”, por isso, atua “com o objetivo de reverter cognições disfuncionais e comportamentos relacionados” ([WRIGHT, 2008, p. 16](#)) a essas cognições disfuncionais, ou seja, é uma forma de terapia que propõe o desenvolvimento de um estilo saudável de pensamentos para aquela pessoa que almeja um estilo saudável e funcional de comportamentos.

Nesse sentido, essa prática terapêutica enfatiza técnicas destinadas a orientar e apoiar as pessoas a modificarem seus pensamentos. Faz isso promovendo a reestruturação cognitiva por meio de um processo de psicoeducação e ensinando a habilidade de adequar o modo de pensar ao estilo de viver nas

situações do cotidiano. O processo de psicoeducação é essencial porque a mente precisa ser transformada e os pensamentos renovados, para então haver mudanças comportamentais positivas, que por sua vez fortalecerão a cognição, afinal, “a relação entre cognição e comportamento é uma via de duas mãos” ([WRIGHT, 2008, p. 29](#)).

Quando Paulo se dispõe a apresentar o padrão comportamental e o estilo de vida que deve evidenciar aquele que foi justificado pela fé (Rm 12:1–15:13), uma conduta distinta daquela sugerida pelo pecado (Rm 12:1-2), Paulo esclarece que “o crente deve ter uma atitude mental sã, reta e prudente”, renovada, “porque a mente do mundo é insana, desvirtuada e enferma” ([VELOSO, 2011, p. 209](#)). A mente mundana é “carnal” (Cl 2:18) e por consequência os comportamentos dela são: “orgias, bebedices, dissoluções, contendas, ciúmes” (Rm 13:13) entre outros, práticas do pecado. Por sua vez, ter “a mente de Cristo” (1Co 2:16) proporciona um padrão comportamental que se caracteriza “por um modo de viver mais santo” ([DORNELES, 2014, p. 678](#)).

Isso não é obra do acaso, mas resultado de um processo educativo e transformador. O estudo da Bíblia alimentando a mente com conteúdo que produza bons pensamentos (Fp 4:8) e a presença do Espírito Santo efetivando a transformação interior (Tt 3:5) resultará num estilo de vida e padrões comportamentais que irão se aperfeiçoando dia após dia, afinal, não conformado com o mundo atual o ser justificado pratica em seu viver a “boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12:2).

A partir de Romanos 12 “Paulo ensinou que a religião é algo prático”, e que se estabelece a partir de “uma experiência pessoal do poder renovador de Deus sobre” a mente ([WHITE, 2005, p. 280](#)). A mente é exclusividade do ser humano, e como tal “tem atividades próprias como conhecer, recordar, querer e raciocinar”, pensar, decidir e comandar as atitudes ([BRAGHIROLI et al., 1998, p. 14](#)).

Isso posto, “a vida cristã não é apenas uma questão de abandonar coisas ruins. Uma vida assim seria vazia. Viver o cristianismo significa buscar o alimento espiritual...” ([MCLVER, 2017, p. 32](#)) intencionalmente, porque “hoje, como nos dias de Cristo, Satanás governa a mente de muitos. Oh, se sua temível e temerosa obra pudesse ser discernida e resistida!” ([WHITE, 1993, p. 392](#)), afinal, “todo pensamento impuro contamina a alma, enfraquece o senso moral, e tende a apagar as impressões do Espírito Santo. Diminui a visão espiritual, de modo que os homens não podem ver a Deus” ([WHITE, 1990](#)). Por isso, “toda impureza de linguagem ou de pensamento deve ser evitada por aquele que quer possuir clara percepção da verdade espiritual” ([WHITE, 1990](#)), bem como viver em novidade de vida, “andando dignamente, como em pleno dia” (Rm 13:13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a história é prova de que a relação entre a psicologia e a religião tem sido de frequente distanciamento, contudo, percebe-se que tanto a psicologia quanto a religião compartilham pontos em comum que as permitem implementarem, às suas práticas, conhecimentos que pertencem a uma ou à outra. Nesse sentido, White ([2007, p. 781](#)) declara que “os verdadeiros princípios da psicologia encontram-se nas Escrituras Sagradas”, e Ribeiro ([2004, p. 11](#)) afirma que “nenhuma ciência está tão próxima da religião quanto a psicologia.”

No livro de Romanos, no capítulo 12 verso 2, é possível identificar que a mente é o ponto em comum entre a Palavra e a psicologia. Quando Paulo começa a orientar seus leitores sobre como praticar a doutrina da justificação pela fé, ele fala que a transformação comportamental deriva da “renovação da vossa mente”, ou seja, uma vida transformada é resultado da renovação da mente.

De igual modo, o estudo sobre a mente tem sido uma pauta interessante para a psicologia, inclusive, entendemos que a mente influencia significativamente a maneira de ser e viver de uma pessoa. Vimos que uma mente bem-cuidada e fonte de pensamentos decentes promove um com-

portamento salutar. O contrário também é verdade; pensamentos ruins, comportamentos ruins. Assim, a terapia cognitivo-comportamental (TCC) tem sido uma das formas de terapia psicológicas mais utilizadas na busca de reestruturação da mente e dos pensamentos com vistas a um comportamento desejável.

Romanos 12:2 é um ponto que une Bíblia e psicologia, pois, por meio desse versículo Paulo aconselha seus leitores a viverem a sua relação com Deus por intermédio da renovação da mente, afim de que o comportamento desejado, que é o viver pela fé, possa ser alcançado.

O pecador justificado precisa ser cuidadoso com sua mente, pois os pensamentos influenciam as ações, e é parte desse cuidado recorrer aos préstimos do Espírito Santo. Bons pensamentos, guiados por Deus, levam à prática do bem, porém maus pensamentos levam ao pecado. É pelo poder do Espírito Santo que "as verdades vitais das quais depende a salvação da alma, são impressas na mente, e o caminho da vida torna-se tão claro que ninguém precisa transviar-se" (WHITE, 1987, p. 113).

REFERÊNCIAS

- BARBOUR, I. G. **Quando a ciência encontra a religião**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BECK, A.; RUSH, A. J.; SHAW, B. F.; EMERY, G. **Terapia cognitiva da depressão**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1997.
- BECK, J.; ROSA, S. M. M. **Terapia cognitiva: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BRAGHIROLI, E. M.; RIZZON, L. A.; BISI, G. P.; NICOLLETO, U. **Psicologia geral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- DORNELES, V. (Ed.). **Comentário bíblico adventista do sétimo dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014. v. 6.
- HENNING, M. C.; MORÉ, C. L. O. O. Religião e psicologia: análise das interfaces temáticas. **Revista de estudos da religião**. São Paulo, p. 84-114, 2009.
- KIS, M. M. Estilo de vida e conduta cristã. In: **Tratado de teologia adventista do sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 748.
- LEAHY, R. **Técnicas de terapia cognitiva: manual do terapeuta**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LUCAS, M. Como os seus pensamentos criam a sua mente?. **Miguel Lucas blog**, 22 de setembro de 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3k5MhpN>. Acesso em: 02 ago. 2013.
- McLVER, R. "Viver como cristão". In: **Apascenta as minhas ovelhas**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017. p. 32.
- MELGOSA, J. "Bons pensamentos". In: A Bíblia e as emoções humanas. **Lição da Escola Sabatina**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 68.

OLIVEIRA, M. P. **Líderes religiosos cristãos e a formação em psicologia**: os significados da busca pela formação em psicologia e seus efeitos na prática eclesial. 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

PAIVA, G. J. Ciência, Religião, Psicologia: conhecimento e comportamento. **Revista Psicologia**: reflexão e crítica. Porto Alegre, p. 561-567, 2002.

RIBEIRO, J. P. Religião e psicologia. In: HOLANDA, A. (Org.). **Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia**. Campinas, SP: Editora Alínea e Editora Átomo, 2004, p. 11.

SOUZA, D. Psicoterapia e Religião: um conflito necessário?. **Diego Souza psicoterapia**, 12 de março de 2015. Disponível em: <https://bit.ly/30q4Yg9>. Acesso em: 02 ago. 2015.

VELOSO, M. **Romanos**: contando o significado do evangelho. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

WHITE, E. G. **Mente, caráter e personalidade 2**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. G. **O Desejado de Todas as Nações**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

WHITE, E. G. **Parábolas de Jesus**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987.

WHITE, E. G. **Paulo**: o apóstolo da fé e da coragem. Campinas, SP: Certeza Editorial, 2005.

WHITE, E. G. **Testemunho para Ministros**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

WRIGHT, J. H.; BROWN, G. K.; THASE, M. E.; BASCO, M. R.; KNAPP, P. **Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental**. Porto Alegre: Artmed, 2008.